JOHN DEERE

Operações integradas

O grupo internacional de máquinas e implementos agrícolas John Deere fatura US$13 bilhões anuais e investe em pesquisa e desenvolvimento em torno de US$1,5 milhão por dia. Tem mais de 40 mil funcionários no mundo todo e sua participação global tem sido mantida através de negócios realizados em mais de 160 países, com 32 fábricas localizadas nos Estados Unidos, África do Sul, Brasil, Alemanha, Argentina, Canadá, China, Espanha, França, Holanda, Índia e México.

A unidade Brasil, que coordena as operações da América do Sul, vem investindo fortemente no crescimento dos negócios e prevê investimentos da ordem de US$ 20 milhões anuais ao longo de cinco anos desde 1999. Esses investimentos possibilitam trazer tecnologias de produção avançadas, como o projeto das colheitadeiras John Deere 9650 e 9750 STS. Esses equipamentos serão produzidos na planta de Horizontina a partir deste mês de outubro, disponibilizando ao agricultor brasileiro e sul-americano a mesma tecnologia de colheita utilizada por seus pares nos Estados Unidos e Europa. O total investido para esse projeto foi de R$56 milhões, e a partir de outubro deste ano os tratores e colheitadeiras da marca passarão a receber um moderno sistema de pintura, o E-Coat, usado em fábricas da Deere nos EUA e na Europa, que exigiu investimentos de R$28 milhões e traz melhoria da qualidade do produto, protegendo a máquina contra o efeito da corrosão.

Ao integrar as operações da Cameco do Brasil Ltda., desde setembro, a John Deere Brasil S.A. dá mais um passo no processo de consolidação de suas operações na América do Sul, que inclui também a Unidade de Santo Ângelo (fundição), que passa a ser denominada internamente como Unidade de Catalão. Esta unidade é responsável pela produção de equipamentos para mecanização da lavoura canavieira, com destaque para as colhedoras de cana-de-açúcar.

Além da John Deere Brasil S.A., a operação sul-americana inclui também uma fábrica em Rosário, Argentina, que produz os motores utilizados nos equipamentos montados pela companhia em suas unidades no continente. A John Deere Brasil emprega cerca de 1.700 funcionários em suas diversas plantas, responsáveis pela produção anual de cerca de 2.200 colheitadeiras, 4.300 tratores e 12 mil linhas de plantio. O grupo também exporta para outros países fora do continente sul-americano, notadamente para a União Européia, para o Leste europeu, Oriente Médio e Extremo Oriente, além de América Central e Caribe.

PERDIGÃO

Força nas exportações

No início dos anos 30, descendentes de duas famílias de imigrantes italianos – Ângelo Ponzoni e Saul Brandalise – estabeleceram em Vila das Perdizes, no Meio-Oeste catarinense, um pequeno empreendimento cujo crescimento deu origem a um grande complexo agroindustrial. Com um pequeno abatedouro e uma fábrica de produtos suínos, eles iniciaram em 1939 suas atividades industriais.

Em 1941 o empreendimento mudou sua identificação. Uma nova marca trazia impresso um casal de perdizes e o nome Perdigão, denominação do macho da perdiz, ave muito presente na região.

Em 1954 a empresa passou a investir em avicultura. Com o correr dos anos, transpôs as fronteiras de Santa Catarina e implantou operações nos estados do Rio Grande do Sul, Goiás, Paraná, São Paulo e Minas Gerais, transformando-se num gigante que hoje emprega mais de 20 mil funcionários. O agronegócio Perdigão tem hoje 13 unidades industriais de carnes, duas de soja e sete fábricas

O ano de 2001 foi marcado por um incremento de 102%, na

exportação de carnes com embarques de 339 mil toneladas de produtos agroindustriais para o mercado europeu. No mercado interno, mesmo enfrentando os problemas gerados pela crise da energia, a empresa conseguiu incrementar suas vendas de produtos de maior valor agregado, que cresceram 18% em receita e 15% em volume no ano. O expressivo resultado obtido com as vendas de produtos específicos para as festas de fim de ano foi outro dos fatores importantes para o bom resultado.

A Perdigão alcançou no ano um Ebitda de R$421 milhões, 163% de crescimento. O faturamento bruto da companhia passou para R$2,8 bilhões, e as exportações chegaram a R$1,03 bilhão, representando 43% da receita líquida. O lucro líquido cresceu 271%, chegando a R$168 milhões no ano. O quarto trimestre foi responsável por 46% dessa cifra. Em contrapartida os investimentos em 1991 foram R$84,8 milhões menores do que no ano anterior, um decréscimo de 39,2%

A receita líquida cresceu 38% no ano – R$2,4 bilhões, aumento superior ao do faturamento bruto devido ao expressivo incremento de 102% nas receitas de exportações. O último trimestre representou 31% dessa receita, totalizando R$764,8 milhões – 43% de aumento em relação ao quarto trimestre de 2000. Resultados impulsionados pela exportação, que respondeu por 42% da receita líquida, acompanhada pelo bom desempenho das vendas sazonais de final de ano.

Numa comparação, receita líquida e margens brutas demonstram um ganho de 8,7% em relação ao ano anterior devido ao desempenho das exportações, à agregação de valor ao *mix* e à média do comportamento baixista dos preços do milho no ano. Tudo isso contribuiu para um aumento de 87,1% do lucro bruto no ano, chegando a R$800,2 milhões

As despesas operacionais tiveram um incremento de 37,8% no ano. Para viabilizar as exportações, os custos com fretes marítimos e terrestres além de armazenagem e serviços portuários, sofreram elevações. Outros itens também sofreram reajustes, como comunicações e combustíveis. As ações de marketing foram reforçadas para que as despesas operacionais tivessem crescimento superior à receita bruta. O resultado operacional antes das despesas financeiras cresceu 233,9% no ano, alcançando R$359 milhões. A margem líquida do exercício ficou em 6,9%, contra 2,6% em 2000, o que representa um crescimento de 270,7% no lucro líquido, totalizando R$168,2 milhões.

SOUZA CRUZ

Números eloqüentes

A história da Souza Cruz começou em 25 de abril de 1903, num sobrado de três andares da Rua Gonçalves Dias, no Rio de Janeiro. Ali, o jovem imigrante português Albino Souza Cruz pôs a funcionar a primeira máquina do Brasil capaz de produzir cigarros já enrolados em papel. A novidade lançada pelo imigrante eliminava o trabalho de separar a palha, alisar, picar o fumo de corda e enrolar o cigarro. A pequena fábrica acabou não comportando a crescente necessidade de produção e, em 1910, o jovem empresário adquiriu a Imperial Fábrica de Rapé de José Paulo Cordeiro, no bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro. Em 1914, sentindo necessidade de aporte tecnológico, Albino passou o controle acionário para a empresa inglesa British American Tobacco (BAT), transformando a empresa em sociedade anônima. Aí começa a odisséia de uma das maiores empresas do agronegócio brasileiro.

A Souza Cruz é um dos cinco maiores grupos privados do país. Atuando nas áreas de fumo e cigarros, gera cerca de 5 mil empregos diretos, em postos de trabalho espalhados por todo o Brasil.

No ano de 2001, seu lucro líquido, impulsionado principalmente pelo crescimento das exportações de fumo, chegou a R$634,4 milhões, 28% acima do resultado apurado no ano anterior.

Nas exportações de fumo, o destaque foi para o crescimento de 30% no volume exportado (103 mil toneladas em 2001 contra 79 mil em 2000), o que gerou uma receita de US$280,2 milhões.

O volume de vendas cresceu 6%, o que significou 87 bilhões de cigarros vendidos, contra 82,1 bilhões em 2000. Esse volume representou uma participação de 79,6% do mercado legal (contra 78,8% em 2000). Sete entre as 10 marcas mais vendidas no mercado brasileiro pertencem à carteira de marcas da companhia.

Influenciadas pela conjuntura favorável do mercado internacional, pelo comportamento da taxa de câmbio e pelos excelentes níveis de qualidade obtidos na safra de 2001, as exportações de fumo registraram resultados significativamente superiores aos do ano de 2000, e corrresponderam a aproximadamente 75% do crescimento registrado pelo lucro operacional antes do resultado financeiro.

A Souza Cruz teve um crescimento de volume de vendas de 30% em 2001, em comparação com o ano anterior. As exportações totalizaram 103 mil toneladas de fumo para 55 diferentes países, atingindo cinco diferentes continentes. O lucro operacional antes do resultado financeiro chegou a R$714,3 milhões (Ebitda de R$792,2 milhões), representando um crescimento de 37,8% sobre o ano de 2000. Os investimentos realizados pela companhia no ano de 2001 totalizaram R$138,1 milhões.